

**UM OLHAR ACERCA DO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E AS
PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO CONTINUADA PARA O
PROFESSOR DE PORTUGUÊS**

ANDRÉ MARCOS DE SOUZA ARAÚJO
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

andremarcos.am11@gmail.com

MONTEIRO
AGOSTO 2017

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.
Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explicitar as atividades realizadas pelo estagiário André Marcos de Souza Araújo, o Estágio aconteceu na Escola de ensino fundamental II – E.E.E.F II Profª Maria do Socorro Aragão Liberal e na Escola do ensino médio – E.E.E.M.I.I.E.P José Leite de Souza, tendo como entidade mantenedora: Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba. O Estágio é para todos os alunos que estão na licenciatura uma das ferramentas mais importantes na decisão de seguir ou não a profissão, pois nos mostra a realidade vivida pelos docentes da educação básica, os prós e os contras. Esse estágio tem como escopo atender as exigências da grade curricular do curso de Licenciatura Plena, com foco na formação do professor de português. A prática possibilita ao aluno/professor identificar os caminhos a serem trilhados, possibilitando a eles as respostas iniciais do “ser professor” questionamento que o sonda em toda vida acadêmica, assim, tem como principal objetivo analisar e apresentar as informações obtidas por meio das observações, o rendimento dos alunos, conteúdos, como também as práticas e metodologias usadas pelo professor. O Estágio tem como foco fundamental o contato entre os estagiários com a realidade educacional no nível do ensino fundamental e Médio, o qual está em questão. O estágio não é apenas o momento de aplicação do que foi assimilado, mas sim, a explicitação da indissociabilidade entre a teoria e a prática. A partir das aulas teóricas e dos textos trabalhados ainda em sala de aula, houve a possibilidade de debater em torno da prática docente, teóricos os quais ajudaram a nortear e fundamentar essa pesquisa, Araújo (2012), Wallon (2007), Freitas (2012), entre outros, essas fundamentações teóricas serviam como ponto base para assegurar minha observação o que a faz criteriosa e reflexiva. As observações realizadas em estágio servirão como base para os componentes curriculares necessários porque nos possibilita um olhar acerca dos profissionais que foram acompanhados, irá projetar os discentes como os profissionais de licenciatura aos profissionais que queremos ser, a desconstrução do “ser professor” reforçando nossa necessidade de estar em constante evolução e adaptação.

Palavras chaves: Estágio, Educação, Formação continuada, Professor, Licenciatura.

1. INTRODUÇÃO

A análise do ato de lecionar possibilita ao aluno-professor a conhecer os diversos degraus das diferentes realidades. O estágio é o único componente curricular que possibilita se desenvolver em dois lugares sendo um no fundamental II e o segundo no ensino médio. As relações se efetivam em torno das dificuldades ocasionadas por um sistema falho o que é realidade para ambas, e o estágio nos propicia o momento de observar os procedimentos realizados na prática, e ainda nesse meio tempo retomar a teoria para refletir acerca do assunto. Em suma, o estágio deve fornecer uma base que irá favorecer ao processo de ensinar e aprender oportunizando perspectivas diferentes de ensino

Segundo o ministério da educação e o conselho nacional de educação o estágio é:

O estágio supervisionado não se confunde com o chamado “primeiro emprego”. O estágio supervisionado é antes de tudo, uma atividade curricular da escola, um ato educativo assumido intencionalmente pela escola, de propiciar uma integração dos estudantes com a realidade do mundo do trabalho. Na realidade, o estágio supervisionado propicia ao aluno a oportunidade de qualificação prática, pela experiência no

exercício profissional ou social, acompanhado e supervisionado profissionalmente [...] (MEC, 2014, p. 10)

Segundo o MEC o estágio não pode ser confundido como sendo o nosso primeiro emprego, ele é antes de mais nada uma porta que oferece um olhar para o futuro, de quem nos tornaremos e onde estaremos, sendo eu estagio de observação ou de interseção, é possibilitado ao aluno/professor experiências que são vividas no exercício profissional e social das escolas acompanhadas.

O intuito deste trabalho é elaborar um relatório analítico acerca das aulas acompanhadas nas escolas municipais (ensino fundamental II) e estaduais (ensino médio) as quais foram observadas 10 aulas em turmas do 9º ano e 10 aulas em turmas do 2º ano. O estágio foi realizado nas escolas E.M.E.F II Profª Maria do Socorro Aragão Liberal com início no dia 21/03/2017, no período da tarde e na escola E.E.E.M.I.I.E.P José Leite de Souza com início 27/03/2017, no período da manhã, as duas escolas pertencem ao município de Monteiro-PB. Em ambas foram observadas atividades propostas na disciplina de língua portuguesa.

A educação é antes de tudo o fator mais importante para a formação de cidadãos, é na e pela educação que somos inseridos como sujeitos capazes de formar opiniões e estarmos de fato em sociedade. A prática possibilita ao aluno/professor identificar os caminhos a serem trilhados, possibilitando a ele as respostas iniciais do “ser professor” questionamento que o sonda em toda vida acadêmica, assim, este relatório tem como principal objetivo analisar e apresentar as informações obtidas por meio das observações, o rendimento dos alunos, conteúdos, como também as práticas e metodologias usadas pelo professor.

Neste primeiro momento, a observação da prática docente funciona como um divisor de águas para tratar de questões como a identidade do professor, fazendo com que isso possibilite traçar um perfil genuíno do que será futuramente, pois isso mostrara na íntegra uma prévia da realidade. A partir das aulas teóricas e dos textos trabalhados ainda em sala de aula, houve a possibilidade de debater em torno da pratica docente, teóricos os quais ajudaram a nortear e fundamentar essa pesquisa, Araújo (2012), Wallon (2007), Freitas (2012), entre outros, essas fundamentações teóricas serviam como ponto base para assegurar minha observação o que a faz criteriosa e reflexiva.

As aulas ministradas pelo coordenador do estágio serviram para nortear as discussões e que na maioria das vezes estas vinham pautadas em críticas em torno da formação docente e como o ensino vem sendo realizado nas escolas, isso foi possível também porque nos possibilitou a fazer reflexões ainda como alunos e hoje na

graduação alguns já exercem a profissão seja ela formal ou informalmente, foi possível trazer para estes momentos experiências individuais e coletivas e ainda sugestões que venham de alguma forma contribuir para melhorar o desempenho das futuras aulas.

Assim como o professor precisa da formação continuada para estar sempre atualizado e consiga suprir as necessidades, a identidade é um círculo constante de renovação, não há identidade preestabelecida, pois isso acontece com o tempo e recebe influências internas e externas, o professor, a identidade é uma metamorfose que sempre requer atualização. Assim,

[...] é falsa a idéia de pensar a identidade como uma temática simples a ser discutida, pois ela se caracteriza por ser um processo multideterminado e multifacetado. Apesar da dificuldade primeira em explorarmos o assunto, algumas considerações podem ser feitas: ela representa um processo um processo constituído socialmente através das relações e vivências que o sujeito vai estabelecendo ao longo do tempo simbolizando e se apropriando ou não daquilo que os outros lhe apresentam. Ela é um processo inacabado que sofre múltiplas transformações e, ao mesmo tempo, apresenta determinada permanência em seu núcleo. (FREITAS,2014, p.103)

Este relatório está dividido em três seções, introdução a qual comporta a apresentação, justificativa, objetivos e metodologia, a seção da fundamentação teórica a qual assegura a integridade deste trabalho, e a observação das aulas dividida entre mais duas subseções que é a descrição do espaço analisado, e as análises das aulas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente nós como futuros professores tecemos críticas aos nossos professores passados e ainda transferimos grande parte disso aos nossos professores e mestres da graduação. Repetimos muita das vezes as práticas falhas que fazíamos como alunos da educação básica, isso porque *nós como futuros professores temos tendência a nos espelhar nos alunos que fomos no passado*. O fato de levar em consideração essa citação é as críticas que foram feitas durante as aulas de estágio, nos momentos em que refletíamos acerca das práticas já vistas na docência, poucos elogios foram tecidos aos antigos professores, mas também não comentávamos de como nos portava em sala de aula.

Com essas considerações e ainda fazendo valer nossas aulas de estágio, em que foram debatidos textos/autores que se necessário voltar nossos olhares para o processo de formação que estamos tendo e que futuros docentes iremos ser, faz nos pensar se essa é uma formação orientada e voltada para uma prática reflexiva ou se não iremos

levar em consideração nossas críticas e vamos novamente repetir o modelo tradicionalista de ensino, mantendo a inconsciência crítica sobre as práticas de ensino.

2.1 Razões para ser professor de LP

Em seu artigo “Das razões para ser professor de português hoje, o profissional de letras formação constante.” Araújo (2012), aponta pontos e contrapontos da profissão do professor, um texto que tenta mais estimular o aluno em formação do que desestimular, e é quando entramos em contato com as primeiras aulas como estagiários que vemos a realidade da profissão batendo de frente conosco.

Ainda segundo Araújo (2012), há duas razões para ser professor hoje, a razão de ordem laboral, que não nos fazem diferente dos demais trabalhadores e a ordem emocional/vocacional, que é quando fazemos o que fazemos porque amamos, Araújo levanta algumas inquietações como o salário que é menos do que as demais profissões, tornando-se o que mais desmotiva o aluno/professor ainda em formação. Isso é fato, o professor no Brasil ganha muito mal e isso é um fator que leva esses profissionais a se diplomarem em licenciaturas. A um encantamento com as demais profissões, o jovem pretende ter um retorno rápido do que se foi investido, por isso, o deslumbre em cursos como medicina, direito e as engenharias.

Duas razões para não ser professor estão associadas às condições de trabalho que não são boas, mas que em comparação ao sistema em que se organiza as outras não é a pior, a outra razão diz respeito à falta de segurança e os perigos que envolve a profissão, vemos nos telejornais, nas redes sociais que os índices de violência nas escolas vêm aumentando razoavelmente, mas nenhuma profissão está protegida contra isso e assim;

[...] médicos, advogados, jornalistas, enfermeiros, engenheiros enfrentam situações de violência e de estresse patologicamente diagnosticado, como a Síndrome de Burnout, porque a violência é, infelizmente, condição constitutiva de uma sociedade que se baseia numa concepção egoísta de favorecimento, que não investe na educação para a tolerância e para a convivência com a diferença. Além disso, se baseia na divisão entre ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres, na produção de lucro a todo custo. Uma sociedade baseada nesses valores está doente e vai dar o combustível para que loucos como o atirador de Realengo adentrem uma escola e se sintam no direito de desferir contra alunos e professores. (ARAÚJO, 2012, p.729)

Sendo assim, uma educação pouco voltada a ética e a moral com valores que já foram violados e as tentativas de “concerto” continuam falhando. É isso que o estágio nos permite observar, acabamos expandindo nosso olhar para a observação da prática, e passamos a conhecer a realidade primeiramente daquele professor.

Ser professor perpassa os limites presos de quanto se ganha ou quanto se gasta para se manter atualizado, pois para conseguir passar por todos os desafios sem ficar parado no caminho é preciso ou melhor é indispensável que se faça com amor. Ser professor vai além de ter habilidades em uma determinada matéria, é preciso que essas habilidades se expandam em um todo é estar sempre atento e saber lidar com diferentes pessoas e diferentes personalidades, saber se expressar em público, gostar de trabalhar em grupo e ter espírito de liderança, entre outros aspectos que irão contribuir na sua formação profissional.

Assim como toda e qualquer profissão requer investimento, o professor é um ser que estar em constante evolução e formação, isso porque os tempos mudam e é necessário que haja um investimento pessoal, (VIEIRA E GOMIDE, s.d. p,3836):

A formação de professores constitui elemento fundamental para se atingir os objetivos visados pela educação, uma vez que é o professor que em sua prática, operacionaliza as grandes linhas propostas pelas reformas educacionais. Estas por vez devem estar adaptados à realidade presente na sociedade em que se inserem.

2.2 Concepções de estágio

O estágio se constitui em um vasto campo de conhecimento, e isso é o que significa atribuir-lhe um importante significado a experiência prática ainda estando em graduação. O campo de conhecimento que o estágio produz na formação do aluno de graduação atualiza novos tipos de práticas sociais que acabam por desenvolver as práticas educativas:

O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria. Não é raro ouvir-se dos alunos que concluem seus cursos se referirem a estes como ‘teóricos’, que a profissão se aprende ‘na prática’, que certos professores e disciplinas são por demais ‘teóricos’. Que ‘na prática a teoria é outra’. No cerne dessa afirmação popular, está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência

para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática. (PIMENTA 2012, p.33)

Assim, o estagiário poderá se constituir como ser presente em sua formação construindo um campo claro em atividade de pesquisa. As concepções de análise dá diferentes enfoques para fundamentar as práticas de estagio e tem transformado as concepções que os discentes tem sobre o ensino e a formação de professores.

A imitação dos modelos tradicionais tem se mostrado cada vez mais frequente por, caracterizar o modo tradicional de atuação docente. Pode-se dizer que essa concepção “imutável” tem se tornado cada vez mais realidade nas escolas, os alunos, os professores já estão acostumados com essa tradição, então cabe as escolas ensinar conforme o costume:

A formação do professor, por sua vez, dar-se-á pela observação e tentativa de reprodução dessa prática modelar; como um aprendiz que aprende o saber acumulado. Essa perspectiva está ligada a uma concepção de professor que não valoriza sua formação intelectual, reduzindo a atividade docente apenas a um fazer, que será bem sucedido quanto mais se aproximar dos modelos que observou. Por isso, gera o conformismo, é conservadora de hábitos, idéias, valores, comportamentos pessoais e sociais legitimados pela cultura institucional dominante. (PIMENTA 2012, p.36)

Não temos como objetivos aqui caracterizar as transformações históricas e sociais que decorrem ao processo de democratização que trouxe o acesso as escolas. A inclusão de alunos considerados “inacessíveis” ao processo de escolarização tem transformado a sociedade, os seus valores e permite aos jovens e crianças adquirir novas características. A valorização da pratica tem transformado modelos tradicionalistas em modelos mais eficientes, a escola deixa de se resumir a apenas em ensinar e passa a atribuir valores culturais, sociais e políticos aos seus alunos.

3. ANALISE DE CAMPO E DISCUSSÕES

3.1 Análise do ensino fundamental II – E.E.E.F II Profª Maria do Socorro Aragão Liberal

Sempre houve uma boa recepção por parte da escola escolhida para iniciar o estágio no ensino fundamenta II, os professores tentaram manter a conversação com os estagiários de modo que a sua presença não venha a atrapalhar ou incomodar os

alunos presentes e nesse mesmo tempo oferecia informações acerca de suas aulas e dos conteúdos que iriam ser trabalhados como também de sua rotina e apresentações dos seus alunos. Foram assistidas 10 aulas da professora P1.

A turma observada referente ao 9º ano, é composta por 41 alunos, tendo em sua maioria o sexo feminino, com baixo índice de alunos repetentes e com faixa etária entre 13 a 17 anos entre alunos da zona urbana e rural. No que diz respeito às observações realizadas no ensino fundamental II, iniciei a observação com o semestre já em curso, mas não interferiu nas reflexões a respeito das práticas e implicações em torno da linguagem, transcrições de atividade, uso do livro didático e aplicação de simulados, as aulas têm duração de 45 min. A professora aqui identificada como P1 para manter sua identidade preservada. É formada em língua portuguesa e exerce a função há 20 anos e ainda dá aulas de artes e de religião.

As aulas começam seguindo sempre a mesma estrutura, a professora entra na sala, faz uma oração, relembra o que foi visto na aula passada e em seguida começa o que foi planejado para os próximos minutos, solicita sempre o livro didático, busca muito assemelhar os assuntos com a realidade dos alunos e assim vai tecendo sua aula.

A primeira aula observada ocorreu no dia 21/03/2017 no primeiro horário de 1 às 1:45 como já foi encontrado a aula em curso, o assunto que estava sendo dado era “orações coordenadas”, utilizando-se do método expositivo o qual ela expõe título e ali começa a explorá-lo tornando suas aulas mais interativas, o que aconteceu de forma bem satisfatória, apesar de que nem todos participaram, ali, os objetivos traçados estavam seguindo de forma coerente. Em alguns momentos da aula, a professora oferecia aos alunos títulos, matérias de jornais e revistas para que o assunto se aproximasse da realidade que estava acontecendo “operação carne fraca”, “reforma na previdência e reforma trabalhista”. Os 45min da aula não eram suficientes em meio as explicações dinâmicas e a interatividade dos alunos, no final das aulas eram passadas atividades voltadas para o assunto com correção oral prevista para próximas aulas.

No dia 22/03 são acompanhadas duas aulas da P1 a qual começa com um resumo da aula passada e perguntas direcionadas ao conteúdo e em seguida é aplicado um simulado avaliativo qualitativo para saber como anda o desenvolvimento de seus alunos a respeito dos assuntos passados e estes simulados sempre trazem uma parcela voltada para assuntos referentes à prova Brasil, a P1 faz uma rápida introdução do assunto referente a próxima aula e solicita que seus alunos procurem na internet textos relacionado ao manifesto. Ainda no dia 22, é iniciado um novo assunto, “gêneros textuais” com base na

categoria de “manifesto”, porém a aula começa depois do intervalo 15:45 e encontra-se nos alunos uma resistência para prestar atenção nas aulas tornando difícil o seguimento dela, pois os alunos não participam, ocorre muitas conversas paralelas e a professora acabava por demonstrar uma perda de controle momentânea porque em alguns momentos o baralho e tanto que o ela se via obrigada a parar de falar.

Dia 23/03, como comentado na aula anterior, a professora, algumas vezes, chega a perder o controle de suas aulas o que acaba atrasando os assuntos que foram planejados para aquele momento, nesta aula que aconteceu no dia 23 as 17h, foi interrompida por um grupo de alunos que estavam organizando uma rifa para ser vendida por seus colegas a fim de arrecadar dinheiro para que se fosse feita uma viagem no final do ano, a professora teve que parar sua aula, sentar-se e esperar que o determinado grupo se acalmasse, já em um segundo momento quando a professora toma novamente o controle e quando a aula realmente começa é retomado o assunto “manifesto” contando apenas com a ajuda de um número mínimo de alunos.

No dia 24, ao aguardar que os alunos voltassem do intervalo, fiz uma pergunta a professora, para saber quais critérios eram usados para as avaliações a respeito da postura dos alunos em sala de aula:

Pergunta: Como você avalia seus alunos, que critérios são usados? A respeito da participação em aula e colar nas avaliações.

Resposta: *Não sou muito rigorosa, eles tiram notas baixas o que acaba se tornando um círculo contínuo, não procuram alguém que “saiba mais” sempre é um determinado grupo, em instantes aplicarei um segundo simulado e eles irão tirar a mesma nota ou pior, vejo poucos saindo daqui para uma faculdade.*

Uma pergunta que mostra entre muitas coisas a *desmotivação* do professor ao ver a total e falta de interesse de alguns alunos e o mínimo de esforço para aprender o que foi preparado com tanto esforço.

No segundo momento da aula, a professora utiliza o livro didático para fazer algumas interpretações textuais de textos pré-selecionados pela direção da escola, o que o torna um fato interessante, em uma conversa foi descoberto que provas, simulados, atividades e até mesmo textos eram passados por uma avaliação da diretoria. Para finalizar a, P1 utiliza-se de uma prática bastante antiga, o efeito “xerox” copiar o que estava no livro passando para o caderno.

Dia 28/03 a aula começa com uma atividade oral fragmentada do livro didático onde a maioria dos alunos parece ter prazer em participar e outros apenas

se recusam, em um momento a aula é interrompida pela diretora da escola que entra na sala sem pedir autorização ou licença e leva quase 10min falando sobre a limpeza e organização da sala, é possível perceber a falta de autonomia da P1 em alguns momentos.

Apenas no dia 29/03, a professora retoma a atividade iniciada na aula passada, mas já é possível perceber a dificuldade encontrada por ela em chamar a atenção dos alunos para a atividade. Na segunda aula, a professora passa novamente uma atividade do livro, desta vez para os alunos responderem em sala e em seguida comentar.

30/03 A P1 aplica novamente outro simulado com os mesmos propósitos, mas desta vez os alunos trocavam entre si e corrigiam um do outro, em seguida eles avaliam as questões, marca onde tem dúvidas.

04/04 O assunto ainda é gêneros textuais, desta vez a professora mostra para seus alunos como é que se cria um gênero textual e quais são os elementos que o compõem, a P1 decide volta-los novamente a textos relacionados ao dia a dia de seus alunos. A segunda aula nada mais é do que uma produção textual sobre manifestos, os alunos teriam que elaborar um manifesto para ser entregue a professora a respeito da sua escola, eles poderiam falar sobre a estrutura, refeições, higiene, os próprios professores e etc., essa produção textual iria ser entregue a coordenação da escola para avaliação e possivelmente se tornaria quantitativa/acumulativa para as provas que viriam a seguir.

3.2 Análise do ensino médio – E.E.E.M.I.I.E.P José Leite de Souza

Iniciei as observações no ensino médio em uma segunda-feira, dia 27/03/2017, na Escola Estadual José Leite de Souza a qual me recebeu com a atenção da coordenadora e a professora de Língua Portuguesa, as quais ofereceram de bom grado o espaço para a realização do estágio de observação.

A E.E.E.M.I.I.E.P José Leite de Souza é uma escola do Estado da Paraíba que comporta a maioria dos estudantes de Monteiro e municípios vizinhos, a turma que faz parte desta análise é o 2º ano, uma turma com menos de 15 alunos com faixa etária entre 16 a 18 anos. As observações realizadas no ensino médio tiveram seu início depois de 10 dias porque a escola passou por uma paralisação, em uma conversa informal com a professora, ela ressalta sua vontade de que haja uma separação na grade da matéria, com momentos de literatura, gramática e análise textual, a P2 leciona a 17 anos no mesmo colégio é formada em língua portuguesa as aulas tem duração de 90 min.

A primeira aula que observei começou as 07:45AM do dia 27/03/2017 a qual teve 10min. de atraso da professora, pois, ela no momento, era a única professora de língua portuguesa da escola, a justificativa era que 4 professores de português estavam se aposentando e 1 tinha saído de licença para fazer o mestrado na Universidade Estadual da Paraíba, com isso a professora teve que dar conta de 3 salas de aula de diferentes turmas, produzindo diferentes atividades.

A professora começa depois de uma semana de recesso, pois houve uma greve no estado o qual a maioria das escolas acompanhou em meio a esse cenário de greve, falta de apoio do governo e com a atual situação da educação, tivemos o “BUM” no universo político com a queda da presidenta eleita e a apropriação do atual presidente. A P2 traz uma proposta de redação cujo o tema é “O Brasil tem jeito?” com exigência de no máximo 25 linhas. Ao ser perguntada a respeito do tempo, a professora ressalta que nem três aulas é suficiente para as produções textuais e pontua a necessidade de separar o horário por seções de literatura e análise linguística.

A escolha do tema da redação foi proposital, pois ela queria enxergar pelos olhos dos seus alunos possíveis soluções para o que vinha acontecendo, pois, nada melhor do que os jovens para declarar o que pretendem fazer para melhorar o seu futuro. A P2 no meio da sua aula teve que se ausentar e ir para as outras salas as quais estava dividindo o tempo e pediu para que eu como estagiário assumisse aquele momento e tentasse tirar as eventuais dúvidas. Como estou exercendo a função de observador, sem intercessão, fiquei sem saber o que fazer, pois, eu não tinha um plano de aula, conseqüentemente eu também não tinha planejado aquele momento.

A turma com 15 alunos apenas 4 começaram a fazer o que foi proposto para o momento e o restante ficou a ouvir música e conversar sobre o que tinha feito no final de semana. Pude perceber também o modo como a sala era separada, as tribos, as turmas, sempre entre trios e duplas e apenas uma pessoa ficava ao centro, uma travesti que se portava de modo a chamar atenção e conseqüentemente atrapalhava as aulas.

No dia 29/03/2017, a proposta inicial da P2 é que se formasse um círculo de discussão para debater sobre assuntos que estavam na mídia, política, educação, manifestação e etc., o que a turma se recusou a fazer e essa proposta acabou ficando para outro momento, o que será difícil de ser retomada por consequência do tão pouco tempo que a professora tem com a turma. A professora retoma a discussão da aula passada a respeito da redação “O Brasil tem jeito?” o qual, o objetivo é que cada um leia sua análise, os

possíveis erros e em seguida exponha para turma as possíveis soluções que cada um dissertou.

Dia 30/03 a atividade é uma proposta do livro didático, as respostas devem ser feitas no caderno não havendo a necessidade de uma nova escrita das perguntas, em seguida entregue a professora para correção e ajudar na nota da prova que aconteceria nos próximos dias, diferente do que foi observado no ensino fundamental não foi visto interferência da direção ou coordenação da escola nas ativas ou provas que iam para a sala.

A aula do dia 10/04 foi realizada no auditório do colégio no qual foram juntas duas salas de 2ª ano para refletir as habilidades de leitura e compreensão como sendo um modo de preparação para a prova Brasil, foi entregue a turma gabaritos e as perguntas eram feitas por slide e a professora ia ditando uma a uma, eram perguntas que abarcavam diferentes assuntos, análise linguística, interpretação textual e literatura. A professora pontua que decidiu apostar nessa nova metodologia para analisar a qual nível andava o conhecimento e aprendizagem de cada aluno. É válido ainda salientar que se havia uma dificuldade em manter o controle e atenção de um número pequeno de alunos quando se juntou as duas turmas houve um aumento maior de dificuldade.

Dia 17/04/2017 foi iniciado pela professora uma roda de discussão que novamente a turma não participou, não obedece e a ignora completamente, os alunos deviam interpretar e construir um texto em cima do sentido da pascoa, a P2 trouxe um bolo para tentar incentivar os alunos a participarem, mais o feito não ocorreu como o esperado e não houve a produção textual. Sabemos que em aula há uma autoridade, um mediador, mas não um detentor de conhecimento, a professora mostrava a cada aula que tinha perdido o controle da turma e as medidas que ela tomava para retomar esse controle eram falhas, sem sucesso.

Para finalizar minha observação, no ensino médio, optei por acompanhar mais duas aulas dessa professora, no dia 18/04/2017 a professora dessa vez optou por levar a turma para o laboratório de informática e realizar com eles uma atividade voltada na prova dos descritores realizada na Paraíba, com intuito de analisar quais os autores presentes na prova os alunos tinham mais dificuldades, os alunos novamente acompanha as perguntas no slide e interagem com a professora.

3.3 Análise comparativa

As aulas realizadas pela professora do ensino fundamental de longe se compara com o ensino médio, apesar da coordenação da escola sempre estar se envolvendo com as atividades e provas é possível observar que há um planejamento, um plano de aula por parte da professora conseguindo manter sua autonomia durante todas as

aulas que acompanhei, quando partimos para analisar o ensino médio percebemos uma bagunça, uma desorganização e ainda chegamos a pensar para aquelas aulas não houve planejamento algum.

Não há muito distanciamento entre as duas turmas, isso por serem turmas de adolescentes com idades parecidas, conteúdos parecidos, mas a diferença na postura que o professor exerce em sala. A professora do ensino médio em relação ao do fundamental II não tinha domínio sobre suas aulas, os alunos faziam o que bem queriam e quando queriam, a professora parecia estar cansada demais para tentar e planejava suas aulas em cima da hora para trazer para turma, boa parte ela apenas sentava e conversava comigo sobre temas avulsos, inclusive a greve que assolava a UEPB no momento.

4. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Durante o estágio de observação foi constatado que não só o livro didático foi usado e deixou de ser para os sistemas educacionais material único e dogmático, o que torna a educação multidimensional, assim segundo Wallon (2012):

A formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros. Deve ter uma referência perpétua nas experiências pedagógicas que eles próprios podem pessoalmente realizar” (WALLON, 2007)

É pertinente dizer que há profissionais que trabalham o livro didático como única alternativa tornando a educação engessada, diferente dos que procura desconstruir ideologias e guiar seus alunos para caminhos de novos sentidos, passa a considerar o meio, as vivências, o todo social de cada aluno, assim como os professores que foram observados nesse relatório de estágio fizeram, eles conseguiam usar o livro didático e outras fontes para preparar as suas aulas.

Quando os professores propõem um repensar sobre fatos do dia a dia e transforma em produções textuais, é possível observar a postura de profissionais da educação que desconstrói o senso comum, e que procura despertar ou dar continuidade à atitude crítica por parte dos seus alunos, dando a oportunidade que seus alunos se tornem seres pensantes e ativos no universo em que estão inseridos, tendo uma postura não dogmática. Isto segundo (Mahoney, 2012) provoca um esforço e reforça ainda mais a crença dos profissionais de LP na necessidade de que a escola tem de assumir valores de solidariedade, justiça social, antirracismo como condições para a reconstrução de uma sociedade justa e democrática.

As observações realizadas em estágio servirão como base para os componentes curriculares necessários de estágio II e III porque nos possibilita um olhar acerca dos profissionais que foram acompanhados, quais práticas e metodologias deram certas ou não e de certa forma a nos projetar como os profissionais que queremos ser, a desconstrução do “ser professor” reforçando nossa necessidade de estar em constante evolução e adaptação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. **Das razões para ser professor (de português) hoje o profissional de letras: formação constante.** Revista Letras Raras (UAL/UFCG). Vol. 1, 2012. p. 724-734.

FREITAS, Fernanda de Lourdes. **A identidade do professor: da teoria a prática.** São Paulo. Casa do Psicólogo, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** 7ª Ed. São Paulo. Cortez, 2012

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** 1 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.